

Carolina de Jesus e Virginia Woolf: em busca de um outro teto para todos nós

Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira¹ (UNEB)

Resumo:

Trata-se de uma análise comparativa entre as seguintes produções literárias: Um teto todo seu, de Virgínia Woolf e Quarto de despejo, de Carolina de Jesus. Com isso, buscamos enfatizar as trocas entre ambas, a transnacionalização discursiva, um processo antropofágico de soma constituindo em uma busca por uma literatura mais potente e plural; por um feminismo múltiplo, que inclua outras lutas textuais, inclusive as marcadas por raça, classe, saberes ex-cêntricos e outras interseccionalidades de gênero. Enfim, uma busca por outra cultura-vida, que rechace o modelo patriarcal, o qual pré-fixou sentidos para homens e mulheres, ampliando os direitos para todos os sujeitos, incluindo, evidente, os femininos em seus diversos lugares. Direitos, inclusive, de escrever e de reescrever a si e ao mundo; de ser escritora. Nessa linha, as demandas para isso também serão apontadas, focando a pontualidade desta questão hoje.

Palavras-chave: literatura, escrita, feminismos, interseccionalidades, cultura-vida.

O nosso objetivo com este texto é por em relação os livros Um teto todo seu, da escritora britânica Virginia Woolf (1985) e Quarto de despejo: diário de uma favelada, da também escritora, brasileira, Carolina de Jesus (2006). Com isso, queremos abordar uma questão que perpassa os dois livros, ou traçar um paralelo entre ambos ou, ainda, na linha de uma transnacionalização discursiva, verificar como o texto de Carolina de Jesus suplementa o de Woolf, ampliando as proposições colocadas.

Nessa linha, a questão que entendemos que atravessa os dois textos diz do tornar-se escritora e, aliado a isso, vemos outras temáticas ou proposições na inter-relação de ambos os textos, como a potencialização da literatura, a ampliação do feminismo, enfim, a busca por uma outra cultura-vida, que rechace o modelo patriarcal-capitalista, o qual pré-fixou sentidos para homens e mulheres, ampliando os direitos também para o sujeito feminino. Direito, inclusive, de escrever e reescrever a si e ao mundo.

Desse modo, em 1929, Virgínia Woolf publica seu livro-texto, pronunciado em forma de conferência em estabelecimento de ensino para mulheres e que, de forma bem resumida, vai nos falar da necessidade de se ter um teto todo seu para tornar-se escritora, vai nos ajudar a perguntar por que a mulher não pode ser escritora, o que é ser escritora e, por consequência, o que é literatura. Se Woolf, como dissemos, problematiza o ser escritor e fala das dificuldades ou barreiras que a mulher deve vencer para ser escritora, ou seja, do teto todo seu que deve ter, para, enfim, conseguir tornar-se escritora, é com Carolina de Jesus que percebemos um perpassar destas dificuldades, a luta pra se ter um teto todo seu, para ser alguém denominada escritora, o enfrentar dessa questão por vias singulares.

O texto Quarto de despejo: diário de uma favelada, como já sugere o título, parece uma resposta provocadora à proposição de Woolf, também anunciada no título de seu livro. Carolina, como se fosse uma daquelas moças que ouviu o discurso de Woolf, que depois tornou-se livro, procura por um teto todo seu, mas vive literalmente em um teto que não é seu, ou melhor, como diz

o título, fora despejada de seu teto, de sua casa, de seus direitos a uma parcela digna da riqueza, que ajuda a produzir com sua força de trabalho. Carolina vive nas favelas do Brasil, lugar inóspito porque sem assistência dos poderes públicos. Lugar onde a condição de vida digna não é garantida como um teto básico para todos e todas.

Carolina, entretanto, lutando diuturnamente para garantir um abrigo para os seus, não pode ser uma das moças que ouvia o discurso, em sala de aula, de Woolf, simplesmente porque o seu acesso à escola e à escrita, mesmo anos depois da época da produção citada de Woolf, foi bastante raro, fragmentado, quase inexistente. O acesso à escrita foi feito muito mais fora do âmbito escolar, nos intervalos criados na vida dura de trabalho. Nesse sentido, tornar-se escritora, ter um teto todo seu seria inviável ou impossível. Entretanto, apesar dessa impossibilidade, de não ter um teto todo seu, de falar de uma favela, de um quarto considerado de despejo, Carolina torna-se escritora, contrariando as regras percebidas. Regras transformadas ou reivindicadas por Woolf como direitos realmente de todos, abarcando também o sujeito feminino. Carolina escreve em meio a situações adversas, que não dariam condições de uma escrita e, com isso, leva a cabo, só que em outras vias, a pergunta anunciada de Woolf, do por que não podemos ser escritora. Pergunta que foi espécie de mote de enfrentamento de ambas escritoras: Woolf prescrevendo uma espécie de manual do que precisaríamos ter para assim nos tornarmos, Carolina de Jesus enfrentando o que não teve para, desafiando a não condição, assim tornar-se.

Com isso, ambas ativam, cada uma ao seu modo, uma espécie de uma literatura menor, na linha do que propõe Deleuze (1970), como uma forma de questionamento ou desterritorialização de um coeficiente literário, como uma forma de politização que chama a atenção para um coletivo que tem ficado de fora destes códigos da escrita, da literatura.

Ambas, assim, politizam a literatura que se presentificou somente para uns, escondendo sua ordem discursiva em um pressuposto de sacralidade aurática. A literatura, com essas mulheres, desce do estatuto do inacessível e é colocada no plano da vida cotidiana, como ferramenta do todo dia, como discurso criado para alguns e excluído de tantos outros ou, nesse caso, outras. Se num balanço dos estudos literários femininos e feministas no Brasil, realizado por Schmidt (2010), esta nos alerta para a necessidade de potencializar o campo literário, a literatura, talvez devêssemos reler estas literaturas aqui tratadas, como elemento instigante para perguntarmos: que teto literário queremos? O que queremos com a literatura? Estas duas escritoras nos respondem, ativando a literatura como uma arma que pergunta, como faz Woolf no livro citado; como uma forma de xingamento, como confessa Carolina de Jesus na entrevista que finaliza Quarto de despejo. As duas respondem escrevendo, enxergando, dramatizando, acreditando na literatura como uma forma de possibilidade. Possibilidade em meio à dureza de um real, que parece não abrir esta porta. Possibilidade de tornar-se escritora, mesmo quando um continuum histórico excluiu esta viabilidade das mulheres, mesmo quando as condições de vida propõem o sujeito feminino fora da escola, da escrita.

Ambas mostram o entrelaçamento da literatura com a vida, mostram a vida como uma construção literária, histórica e rompem muradas e prisões para mostrar-escrever suas janelas de possibilidades. Convidam-nos a olhar para essas janelas, a refletir sobre o modo como tratamos a literatura, inclusive em nossas salas de aulas. Salas por vezes repletas de mulheres, que ainda não têm um teto todo seu, mulheres que estão, na luta do todo dia, construindo seus tetos e que, por isso, por essa luta cotidiana, tendem a se afastar da literatura, por que esta parece não lhes dizer nada.

Nas pesquisas que realizamos na época do nosso doutorado, em 2007, com mulheres de movimentos sociais, ouvíamos relatos que apontavam para um distanciamento entre o saber aprendido na escola e o saber da vida, o saber, inclusive, tratado no Movimento. Elas me diziam que o saber da escola era uma espécie de saber que não ficava. Nessa linha, estamos ouvindo, agora, um ressoar dessas falas, através de pesquisa de Iniciação científica, que orientamos, sobre as memórias literárias de mulheres velhas, idosas ou da chamada terceira idade. Ou seja, destas

senhoras também ouvimos relatos que nos dizem que a literatura aprendida-trabalhada na escola era chata e maçante, implicando em uma despotencialização da mesma. Sendo assim, o que temos com Woolf e Carolina de Jesus é justamente o contrário, visto que estas autoras ativam a feminização da escrita (Richards, 2002), jogando com os signos prescritos no texto cotidiano. Literatura como devir é o que encenam, como comportas abertas para se politizar a subjetividade, os campos subjetivos, inclusive do terreno literário.

Na esteira dessa politização, o campo denominado feminismo também entra em questão, visto que a leitura-escritura de Carolina de Jesus suplementa o texto feminista de Woolf, ampliando suas linhas para outras zonas periféricas, outros espaços que respondem e inventam, como Carolina, armas literárias marcadas por um outro lugar de fala, de enfrentamentos, de lutas. Assim, se Woolf, na década de 1920, na Inglaterra, anunciava que a mulher para tornar-se escritora precisava de um teto todo seu, como conseguir este teto quando se é despejada não só por ser mulher, mas também por ser negra e viver em condições de pobreza e miséria? Carolina parece repetir esta pergunta mesmo injetando uma forma de resposta, que sinaliza para o enfrentamento, inclusive de nossos saberes feministas, aparentemente tão libertários, mas por vezes ainda capazes de repetir os mandamentos da escola patriarcal, que sedimentou todos os nossos tetos e contra a qual lutamos.

Carolina “relendo” Woolf, ou reler Carolina na relação com Woolf, aponta para esta abertura possível numa espécie também de cânone feminista. Esta inter-relação literária ou este jogo antropofágico movido pelas diversas carolinas, espécie de devir mulher da mulher, nos leva a pensar em outros feminismos fora do centro ou outras zonas periféricas deste, que são cortadas por outras intersecções de raça, etnia, classe etc. Se gênero virou uma categoria útil para se observar as relações históricas por que estas foram atravessadas por esse elemento, embora isso tenha sido recalcado, é preciso agora desrecalcar essa teia de complexidades. E isso não significa esquecer, por exemplo, as questões econômicas que certos estudos subjetivos, combatendo, por sua vez, uma veia economicista, parecem deixar de lado. Essa questão econômica, em inter-relação, ainda é premente e precisa ser encarada, na medida em que o patriarcado e o capitalismo andam de mãos dadas e a exploração da mulher é duplicada. A linha estabelecida entre Woolf, mulher branca e com condições de lutar e acessar a escola, e Carolina Maria de Jesus, mulher negra e pobre que também luta, mas fica de fora da escola, explicita a relação marcada pelo complexo, pela ampliação de um olhar que descarta o reducionismo, logo, deve ficar atento as interconexões e seus jogos de poder.

A escrita de Carolina amplia a de Woolf no contradiscurso descolonizador. Se a segunda põe em questão a colonização patriarcal, a primeira expande esta colonização nos fazendo pensar nos efeitos desta reforçados pela escravização do povo negro e por uma ideologia capitalista que descarta o teto humano em prol do lucro do capital. Nessa esteira, a escravização do povo negro e pobre deve também ser recortada, na releitura de Woolf-carolina, pelo significante mulher, que foi carregado de exclusões, mesmo em contextos já excludentes. A exploração, escravização e exclusão se perfazem na escrita do cotidiano e podem se refazer, ou melhor, desfazer, nos gritos literários dessas mulheres, das suas literaturas feministas.

Sendo assim, com Woolf na relação com Carolina, já podemos falar em feminismos no plural, em saberes ex-cêntricos, em outros modos de lutas de mulheres que podem estar em tantos outros lugares periféricos. Dessa forma, a mediação implica em cuidados para não repetirmos aquilo, como já dissemos, contra o qual lutamos. Assim, devemos estar atentos à releitura, a inter-relação, as malhas textuais, (re)construindo subjetividades.

Os textos feministas de Carolina de Jesus e Woolf, nos moldes que já falamos, propõem uma outra cultura-vida, que rechace o modelo patriarcal, que amplie os direitos para todos os sujeitos, incluindo os sujeitos femininos em seus diversos lugares. Que amplie o direito à Literatura, que mulheres tenham, de fato, o direito, também, de ser escritoras. Contra esta barreira lutou-adentrou Carolina. Contra esta falta de acessibilidade indaga Woolf, quando questiona, no seu livro, por que Shakespeare não foi uma mulher. Com essas mulheres, que ousaram ser escritoras, perguntamos:

Quais as condições que foram (são) oferecidas às mulheres para isso? Em contexto de institucionalização de novas políticas públicas culturais, como está sendo colocada esta questão? Que políticas existem, no sentido de apoiar/promover a produção, distribuição e circulação de textos/livros de autoria feminina?

Sabemos de algumas iniciativas criadas para driblar o mercado patriarcal, o cânone literário, como as estratégias de produzir e divulgar a exemplo da experiência da Editora Mulheres, dos Cadernos Negros e da produção feminina veiculada neles a partir de certa data, também a experiência da chamada Literatura marginal, periférica ou literária, produzida por grupos que moram em favelas, periferias etc. Sabemos também das estratégias de pesquisadoras e pesquisadores que organizam coletâneas, resgatam e dão visibilidade a escritos femininos e feministas que foram apagados-invisibilizados. Entretanto, com que tipo de apoio, em termos de políticas públicas culturais, estes grupos contam? Ou melhor, quantos mais grupos como estes, com apoios devidos, poderiam existir? Ou ainda, quantos e quantas não tiveram condições de formar grupos como estes? Quantas ainda não conseguem ter um teto para chamar de seu? Quantas ainda estão soterradas, apagadas pela falta de condições, pela falta de teto? Quantas carolinas ainda estão por aí? Quantas Woolf não são escutadas?

No litoral norte da Bahia, em mais uma de nossas pesquisas de Iniciação científica, rastreamos um pouco essas questões. Bibliotecas da cidade de Alagoinhas foram vasculhadas, coletâneas de mulheres foram observadas e o número de escritoras locais, regionais que aparecem nestas ainda é demasiado pequeno, isto quando existem nestes lugares. Apesar disso, encontramos outras espécies de Carolinas e Woolfs, mulheres que lutam contra um cânone patriarcal, contra a falta de teto, de condições de produzir, publicar, fazer circular seus textos. Nesse sentido, empreendem sozinhas ou com apoio mínimo de alguns parentes, em geral mulheres, uma batalha para publicarem um livro ou um texto. Além disso, muitas são marcadas pelo enfrentamento dos parentes masculinos, que queimam seus escritos e as reprovam, deixando explícita a sua marca intervencionista de exclusão, de posse, assim como deixam também claro seu receio do apoderar-se da escrita, do poder da escrita.

As escolas de Alagoinhas, nessas pesquisas citadas, também foram pesquisadas, observando o desnível de textos de autoria masculina e feminina nos livros didáticos, apontando para uma supremacia dos primeiros. Aliado a isso, ainda contamos com respostas de professores que não estão sabendo muito bem como trabalhar estas questões, bem como respostas de alunos que, embora já desconfiem dos preconceitos machistas, ainda deixam escapar a crença da naturalidade de uma não escrita feminina, ou seja, ainda ouvimos falas que achavam natural ter mais homens escritores do que mulheres no livro didático, justificando que as mulheres “naturalmente” não estão para a escrita, não se interessam por isso. É nessa linha que ficamos pensando na redistribuição desse outro teto que queremos, junto com Woolf e Carolina Maria de Jesus. Redistribuição que passa pelas escolas, universidades e pelas políticas públicas. Passa por uma revisão institucional do cânone patriarcal-capitalista, dos tetos que foram sedimentados.

É por isso que perguntamos: como as políticas culturais estão tratando desta problemática, justamente nesse contexto que se amplia a noção de cultura para a questão do simbólico, do econômico e da cidadania? Acaso ainda não perceberam a potência da literatura feminista, a literatura feminista como uma crítica da cultura? Creio que um outro teto para todas/todos nós passa por essa linha. Pela possibilidade de apoderar-se de um teto, de tornar-se escritora, ou seja, de escrever e, mais ainda, de reescrever a si e ao mundo. Logo, passa pela revisão de uma cultura patriarcal, capitalista, colonizadora, que está disseminada, inclusive em nós. Passa, portanto, por uma politização cultural, estética e subjetiva, por uma redistribuição da riqueza, dos acessos, dos direitos.

Referências Bibliográficas

- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. O que é uma literatura menor? In: *Kafka: por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- JESUS, Carolina Maria de Jesus. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2006.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Trad. Raulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Avaliação. Revisitando a mulher na literatura: horizontes e desafios. In. STEVENS, Cristina.(Org). *Mulher e Literatura 25 anos: raízes e rumos*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010.
- WOOLF, Virginia. *Um teto para todos*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1985.

i Profa. Dra. Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Universidade do Estado da Bahia (UNEB) -Departamento de Educação/Campus II Mestrado em Crítica Cultural. jailmapedreira@uol.com.br